A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA DICOTOMIA NATUREZA E CULTURA E SUA INFLUÊNCIA NO FORTALECIMENTO DO SISTEMA AGROALIMENTAR HEGEMÔNICO

RAQUEL RAU[1]; RENATA MENASCHE[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas - cdc.rau19@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas - renata.menasche@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As trágicas enchentes que, em setembro de 2023, atingiram as regiões dos Vales do Taquari e do Caí, no Rio Grande do Sul, deixaram um rastro de destruição, sendo já contabilizadas 42 mortes e 46 pessoas desaparecidas. As indústrias locais também foram fortemente atingidas, o impacto econômico das inundações é uma séria preocupação, muitas enfrentam perdas substanciais que podem resultar em demissões em massa (EXAME, 2023). O que dizer? Está acontecendo. Não é mais um aviso de ecologistas alarmistas, não é mais um aviso de futuro, não é mais nas calotas polares, é aqui, com o meu conhecido, com o meu vizinho, com o meu amigo, é uma realidade concreta acontecendo agora.

Ao ter-se colocado no centro das relações que permeiam a vida, o homem moderno ocidental defronta-se com seus próprios fantasmas: mudanças climáticas, perda de biodiversidade, insegurança alimentar, escassez de recursos, extinção de espécies – incluindo o humano (MARRAS, 2014). O ocidental moderno buscou dominar a natureza na tentativa de solucionar problemas cuja origem não residem nela, mas sim na sua própria conduta social, política e econômica. Nesse modo de viver, o homem moderno se atribuiu direito pleno em detrimento dos não humanos e em detrimento dos humanos entendidos por ele como menos civilizados.

O domínio sobre a natureza se deu, sobretudo, na produção de alimentos, a partir de insumos agrícolas e tecnologia de alimentos foi possível produzir quase tudo, em quase todos os lugares, enquanto agrotóxicos, transgênicos e aditivos químicos são cada vez mais consumidos (FISCHLER, 1995). Tal modo de viver tem um alto custo para o consumidor que se dá na falta de saúde do corpo, do meio ambiente e das relações sociais de trabalho e renda. De outra forma, é possível dizer que, o atual sistema alimentar hegemônico não cumpre com seu papel: alimentar a população. Ao contrário, “mata”, seja promovendo mudanças climáticas, pobreza, desigualdades sociais ou doenças ao invés de saúde.

Mas o que há de interessante nessa constatação é que isso não é um segredo. Ao menos em parte, é sabido que os alimentos estão contaminados com agrotóxicos e que os industrializados contêm uma imensa lista de aditivos químicos, ambos prejudiciais à saúde. A pergunta então é: o que faz com que a população continue a consumir alimentos que potencialmente prejudicam a vida e produzem morte?

É desse contexto que emerge o tema da pesquisa de doutoramento em Antropologia: A construção sócio-cultural-econômica da separação entre natureza e cultura e sua influência no fortalecimento do sistema agroalimentar hegemônico. Assim como a necessidade de reconfigurar o olhar para as inter-relações que movem a vida, sobretudo a forma de produção e consumo dos alimentos. Esse tema suscita o problema que orienta objetivo, metodologia e campo de pesquisa: De que forma o sistema agroalimentar hegemônico se apropria de elementos significativos das percepções de consumidores sobre a dicotomia natureza-cultura de modo a

influenciar o consumo e quais são seus reflexos no binômio saúde-doença? Quais são as relações simbólicas entre humanos e não-humanos que definem a percepção de risco alimentar para a saúde e condicionam a escolha do que e como comer?

Para responder ao problema proposto, o trabalho tem como objetivo identificar como o consumidor constrói suas percepções de risco alimentar, partindo da noção dicotômica entre natureza e cultura, e como isso orienta suas escolhas alimentares e fortalece o sistema hegemônico de produção de alimentos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se dará na forma de uma etnografia. Para Shah (2020), a etnografia deve superar a ideia de método e avançar no aprimoramento e/ou produção de teorias que contribuam para o entendimento do mundo em que vivemos.

A produção inicial de dados se realizou junto aos consumidores que frequentam a Feira Orgânica Ana Primavesi, em Santa Maria-RS, na qual faço parte como feirante desde 2019. Esta feira é fruto de um projeto de extensão da UFSM cujas as ações são voltadas à construção de um espaço multidisciplinar de comercialização de produtos agroecológicos e reflexões acerca das questões que pautam a agroecologia.

A feira, para além de observar de forma participante como se dá as escolhas dos consumidores, foi também palco em que pude conhecer a construção de processos de apropriação de ações que visam benefícios ao meio ambiente e à saúde das pessoas envolvidas. Sobre a observação participante, Shah (2020) considera uma práxis (ação concreta) potencialmente revolucionária e a eleva da condição de método à forma de produção de conhecimento através do ser e da ação. As ações de comercializar, dialogar/refletir e pesquisar cristalizadas no meu ser no mesmo espaço de tempo me permitiram, como aponta a autora (2020) questionar pressupostos teóricos, equiparando-se a um ato político que pode desafiar concepções hegemônicas. Ao trazer a etnografia e a observação participante para o palco das questões atuais, capaz de desafiar o status quo do sistema hegemônico, Shah (2020) defende uma antropologia engajada, presente no debate do nosso tempo.

Depois, à medida que a pesquisa avance, outras ferramentas metodológicas serão acionadas, como grupo focal e uso de imagens. E, com os consumidores que acolherem a pesquisa, a produção de dados será na observação de suas práticas diárias, registrado em diário de campo e material imagético, pois como coloca Fonseca (1999), é do convívio cotidiano que surgem as bases concretas da etnografia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O alimento é o elemento central da vida de todos os seres, não há vida sem alimento, assim como não há alimento sem vida. Entretanto, a vida no planeta aponta para extinções constantes. Os estudiosos do assunto alertam sobre a extinção de pequenos seres que dão sustentação à vida do solo (base da produção de alimentos) e do ambiente como um todo. O caso atual mais alarmante é o da abelha, principal responsável pela polinização das flores e, por conseguinte, frutos, frutas e sementes. As mortes constantes produzem um ciclo contrário à abundância da terra. O solo empobrecido de microrganismos reduz a produção de matéria orgânica e a liberação de minerais necessários à boa saúde das plantas que alimentam animais e humanos.

Em direção contrária à vida, a ciência hegemônica busca solucionar tais problemas apoiando-se na pretensa separação entre natureza e cultura e na supremacia humana. Assim, de forma contraditória, é justamente o fortalecimento do

antropocentrismo, responsável por nos colocar na era do Antropoceno, que faz com que os modernos ocidentais se vejam ameaçados por essa natureza, seja na forma de mudanças climáticas ou na escassez de recursos essenciais à vida (MARRAS, 2014). Haraway (2016; p. 140) destaca que o Antropoceno é um evento limite que "marca descontinuidades graves; o que vem depois não será como o que veio antes" e que a construção de refúgios entre humanos e não-humanos se faz urgente.

Ainda que a pesquisa esteja em fase inicial, as investigações de como o consumidor orienta suas escolhas alimentares baseado em suas percepções de risco alimentar apontam achados importantes. Foi possível observar um certo asco, associado a perigo, quando junto a uma embalagem de arroz ou de farinha, surge alguma larvinha ou outro minúsculo ser, que só está presente naquele alimento porque este não está impregnado de veneno. Esta recusa ao alimento, pela possibilidade de que este faça mal à saúde pela presença de uma larva (que irá se transformar em mariposa, por exemplo), aponta que a percepção de risco alimentar, mesmo entre os consumidores com proximidade de causas ambientais, está associada à presença de microrganismos ou pequenos insetos.

Para pensar tal questão, talvez o ponto de partida seja buscar compreender com base em que é construída socialmente a noção de risco alimentar para esses consumidores. Geralmente, o risco alimentar é associado à contaminação e essa não é um fato isolado, está inserida em um fato social mais amplo, perpassada por valores simbólicos e culturais (DOUGLAS, 1991). Para Douglas (1991), a pureza provém daquilo que está em ordem e o perigo (ou contaminação) do que está fora do lugar. No entanto, cada sociedade estabelece seus próprios critérios de ordem.

Levando em conta a dicotomia natureza-cultura, selvagem-sujo-contaminado está para a natureza assim como civilizado-limpo-puro está para a cultura. No mesmo sentido, o sistema agroalimentar hegemônico, ao utilizar-se do saber científico, está para a cultura, enquanto o alimento menos processado e sem adição de aditivos químicos está para a natureza. Assim, a indústria de alimentos justifica a inclusão de defensivos agrícolas a conservantes químicos com a retórica do alimento seguro.

É possível perceber que a ausência de microrganismo configura o simbólico do alimento limpo e puro. No entanto, mesmo que as bases desse simbólico estejam alicerçadas no humanismo moderno, na atualidade as questões envolvidas na construção da percepção de risco alimentar são bem mais complexas. Paxson e Helmreich (2013) e Dupin (2018) ressaltam que as normas sanitárias se baseiam na ciência hegemônica e além de operar na produção de alimento seguro, também agem para o desenvolvimento de uma germofobia. Esse termo refere-se à obsessão sanitária pela ausência de microrganismos, que, através da lente antropocêntrica, classifica microrganismos em bons e maus (PAXSON; HELMREICH, 2013).

As conversas com e entre os consumidores apontam que diante dessa guerra estabelecida pelo sistema hegemônico entre microrganismos bons e maus, a tendência é deixar de lado o que não é visto (agrotóxicos, aditivos químicos e suas consequências no meio ambiente) e voltar a atenção para aquilo que pode ser visto (microrganismos e pequenos insetos). Por isso, diversos autores (MARRAS, 2014; COCCIA, 2018; TSING, 2019) validam a urgência em transformar nossas relações

com o outro, os não-humanos, e a urgência por novos pactos, que estabeleçam limites ao humanismo moderno ocidental, reorientando os rumos a que tende o antropoceno, pela necessidade de conservação das espécies vegetal, animal, bem como a humana.

4. CONCLUSÕES

O alimento faz parte da vida, porém a construção social do alimento seguro conduz à ideia de que a natureza é o inimigo e, se o inimigo é invisível, microscópico, fica evidente a necessidade de entregar esse combate a um especialista, o sistema agroalimentar hegemônico. No entanto, os não-humanos "invisíveis" sempre fizeram parte da sustentação vida no planeta. O alimento inócuo, estéril, como proposto pelas Leis Sanitárias e o sistema dominante, é um alimento morto e, como tal, não produz vida, ao contrário: adoece humanos, não-humanos, rios, ar e terra.

Precisamos lembrar que todos os rios são um só, uma só água, todos os ventos são um só, um só ar, todos os minerais são um só, uma só terra, todos os seres, humanos e não-humanos, são um só, uma só vida. O alerta, seja enchentes, secas ou pandemia, está dado. O momento de cuidarmos de tudo quanto há é o agora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1991.

DUPIN, Leonardo Vilaça. **Entre bactérias e lobos**: o cerco biopolítico à produção do queijo Canastra. R@U, v. 10, n. 1, p. 53-79, 2018.

EXAME. **Ciclone no RS:** impacto econômico pode gerar desemprego e fechamento de indústrias; veja valores. Exame Digital, São Paulo, 10 set. 2023. Acessado em: 21 set. 2023. Disponível em: https://exame.com/brasil/ciclone-no-rs-impacto-economico-pode-gerar-desemprego-e-fechamento-de-industrias-veja-valores/

FISCHLER, C. **El (h)omnívoro**: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Anagrama, 1995.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, 1999.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica,** São Paulo, v. 3, n. 5, 2016.

PAXSON, Heater; HELMREICH, Stefan. The perils and promises of microbial abundance: Novel natures and model ecosystems, from artisanal cheese to alien seas. **Social Studies of Science:** Massachusetts, v. 44, n. 2, 2014.

MARRAS, Stelio. Virada animal, virada humana: outro pacto. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 215-60, 2014.

SHAH, Alph. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 12, n. 1, p. 373–392, 2020.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB, 2019.